



**CONTRATUALISMO, BELICISMO E RELIGIOSIDADE  
EM GUIMARÃES ROSA – GRANDE SERTÃO: VEREDAS E  
O ROMANCE DE CAVALARIA**

**Márcia Maria de Medeiros\***

**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS**  
[marciamaria@uems.br](mailto:marciamaria@uems.br)

**Danglei de Castro Pereira\*\***

**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS**  
[danglei@uems.br](mailto:danglei@uems.br)

**RESUMO:** O presente artigo pretende apresentar as reminiscências do medievo na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, contando para isso com três categorias conceituais a partir das quais será realizada a análise, quais sejam elas: o belicismo, o contratualismo e a religiosidade. Esta análise buscará remeter a elementos que denotam como essas categorias estavam presentes e faziam parte da mentalidade medieval e podem ser percebidas dentro da trama do romance de Rosa, carregando suas personagens com as cores da cavalaria medieval.

**PALAVRAS-CHAVES:** Literatura Medieval – Guimarães Rosa – Idade Média

**CONTRACTUALISM, WARMONGERING, AND  
RELIGIOSITY IN GUIMARÃES ROSA – GRANDE  
SERTÃO: VEREDAS AND CHIVALRIC ROMANCE**

**ABSTRACT:** The present article purposes show the reminiscences of the medieval in the book *Grande Sertão: Veredas*, by Guimarães Rosa, counting to this with three conceptual categories

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Professora do Curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Dourados, e do Mestrado em Letras da UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande.

\*\* Doutor em Letras pela Universidade Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de São José do Rio Preto. Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande, e do Mestrado em Letras da UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande.

from which the analysis will be performed, and they are: warmongering, contractualism and religiosity. This analysis will seek to refer the elements that show how these categories were present and were part of the medieval mentality, and can be perceived within the plot of the novel of Rosa, loading their characters with the colors of medieval chivalry.

**KEYWORDS:** Medieval Literature – Guimarães Rosa – Medieval Age

Escritor de renome na literatura brasileira e mundial, Guimarães Rosa dispensa comentários maiores em relação ao que significa para o universo da cultura literária. Sua obra, cheia de nuances é incomparável pelo contexto mágico ao qual leva seus leitores e leitoras. É evidente no texto a forte presença de material popular, demarcado, por exemplo, na figura da personagem principal do romance, o cangaceiro. Por conta desses elementos e da ação que se desenrola a partir dessa personagem, sei pode traçar entre o romance de Rosa e o romance de cavalaria ilações imediatas.

Sobre o assunto, cita Manuel Cavalcanti Proença que:

O cangaceiro, como herói de poesia narrativa sertaneja, é assunto pacífico entre folcloristas, e o paralelismo com as epopeias medievais e seu sucedâneo – o romance de cavalaria, já tem sido apontado, inclusive pelo autor deste ensaio.<sup>1</sup>

Dentre os vários elementos que marcam o estrato constituinte da literatura medieval, especificamente configurada no romance de cavalaria, existem alguns que chamam a atenção dos estudiosos desse tempo pela riqueza de figurações que permitem conhecer as maneiras pelas quais os medievos pensavam e pelas quais agiam. Entre esses elementos podem ser citados, a religiosidade, o belicismo e o contratualismo.

Segundo o historiador Hilário Franco Júnior, no texto **As Cruzadas: guerra santa entre oriente e ocidente**, essas três motivações de cunho psicológico, são fundamentais para entender a mentalidade da época, sendo tão importantes quanto os fenômenos materiais que ocasionaram vários movimentos importantes para o período medieval, como as Cruzadas.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> PROENÇA, Manuel Cavalcanti Don Riobaldo do Urucuai, Cavaleiro dos Campos Gerais. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d., p. 311.

<sup>2</sup> Cf. FRANCO Jr., Hilário. **As Cruzadas: guerra santa entre oriente e ocidente**. São Paulo: Moderna, 1999.

O que motivou a realização deste trabalho foi a percepção de que esses três elementos presentes na mentalidade dos homens e mulheres do medievo, também se encontram posto no contexto que compõem a obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. Mais precisamente, eles estão inseridos na maneira como a personagem central do romance, Riobaldo Tatarana, jagunço do interior mineiro, expressa em sua narrativa, um modo de pensar pleno dessas reminiscências medievais.

No contexto do medievo, essas representações que denotavam uma forma de ver o mundo e de ser no mundo apareciam nos romances de cavalaria, textos os quais as pessoas do período usavam para divertir-se (e dentro deste contexto reforçar uma ideia de civilização e, portanto, instruir). Esse é o aporte que o artigo que segue ocupar-se-á em analisar, demonstrando as evidências de tais ilações.

Sobre a religiosidade que é inerente ao medievo, pode-se dizer que ela, sem dúvida alguma, representa o grande traço mental do período, uma vez que as pessoas daqueles tempos viviam muito próximas da natureza e dependiam do ambiente que as cercava. Seu instrumental técnico extremamente pobre não lhes permitia controlar o meio, o qual, aos seus olhos, apresentava-se ameaçador.

Essas circunstâncias geram uma religiosidade concreta, palpável, pois o contato do ser humano com o meio que o cerca apresentava-lhe uma série de mistérios que ele não conseguia explicar, a não ser pela atuação de forças sobrenaturais, as quais se tentavam controlar através de uma série de rituais apropriados.

Nesse contexto, duas forças de ação estão interagindo: as do Bem e as do Mal. Às primeiras se deve agradecer, visando exatamente o domínio da natureza; às segundas se procura subjugar, no sentido de impedir que ocorram fenômenos naturais violentos e prejudiciais ao homem.

Exemplo desse fenômeno é encontrado na narrativa de suposta autoria de Robert de Boron, **Merlim**,<sup>3</sup> a qual narra à história do conselheiro maior do Rei Artur. Merlim representa a exata interação entre essas forças, pois seria o filho de uma donzela e de um demônio. Nesse contexto, Deus, na sua magnanimidade e percebendo o sincero arrependimento da jovem caída em pecado, teria dado ao bebê a graça de conhecer em parte, o futuro. E de seu pai, o menino teria herdado a sapiência em relação às coisas

---

<sup>3</sup> BORON, Robert. **Merlim**. 2 ed. São Paulo: Imago, 1999.

passadas. Assim, nessa personagem, o Bem e o Mal estão em processo de constante entrelace.

Essa visão de mundo aplicava-se também às relações sociais. A religiosidade medieval tinha como ideal de vida um estilo heroico, que buscava a realização de proezas ascéticas, através do esforço o indivíduo poderia atingir a santidade. A princípio, esse ideal só era alcançável quando se abraçava a vida no mosteiro, e se abandonava o mundo. No entanto, ele também estava disponível aos leigos de origem humilde que não podiam tornar-se monges. A eles bastava seguir uma vida de adversidades e privações, pois a violência contra o seu próprio corpo compensaria as deficiências de conhecimento teológico e reflexões exegéticas.

Todos esses elementos coordenados resultavam em uma série de obrigações seres humanos para com Deus, as quais se desdobravam em várias combinações como preces, jejuns e esmolas; mas, sobretudo a mais importante, as peregrinações.

No caso específico desta última, havia o cumprimento de um duplo papel: primeiro de penitência, já que o peregrino é sempre um caminhante em terra alheia, um estrangeiro que deixa a segurança de seu mundo habitual e parte rumo ao desconhecido cheio de dificuldades e perigos. Segundo ponto: ao se dirigir aos santuários, os peregrinos entram em contato com o que existe de mais sagrado em plena terra – as relíquias, as quais se atribuíam um poder mágico, capaz de proteger ou curar seu portador.

Há que se salientar que todas as descrições realizadas sobre a religiosidade para o homem medieval podem ser percebidas no contexto que envolve Riobaldo. Em primeiro lugar, sua relação com a presença interativa das forças do Bem e do Mal. Essa preocupação tange todo o pensamento da personagem, a qual, na velhice, sente medo de encarar os fatos e a possível verdade que suas ações na juventude podem lhe trazer como consequência.

Durante todo o texto, Riobaldo tenta se convencer (ao mesmo tempo em que questiona um ouvinte/leitor) de que o Mal, representado na figura do demônio não existe como se percebe na citação que segue:

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é homem arruinado, ou homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O

senhor aprova? Me declare tudo, franco – é a alta mercê que me faz pedir: e pedir posso, encarecido.<sup>4</sup>

Ademais, a condição de jagunço da personagem o levava ao mesmo processo de vida ascética e de peregrinação dos medievos. Em vários pontos do romance, Riobaldo deixa claro que ele não se aproveitava das jovens moças, mesmo que sentisse em sua carne o desejo de possuí-las. Independente da marca desse elemento lhe ser imputada pela presença de Diadorim/Maria Deodorina, o fato é que ele consumia em si mesmo o desejo carnal e só o satisfazia quando a ocasião lhe era favorável, como demonstra a passagem da jovem Nhorinhá.

Já na condição de senhor dos jagunços, quando lhe chama à atenção a beleza de uma jovem, neta do fazendeiro que lhe hospedava, percebendo o medo que causava as pessoas que o cercavam em relação ao que ele poderia fazer com a menina, diz que irá apadrinhar o casamento da moça, aliviando com essa ação, toda a tensão do ambiente. Nesse momento da trama, Riobaldo deixa claro que sendo o chefe teria o direito de exigir a beleza daquela moça para o seu proveito, mas não o fez, mantendo assim uma espécie de celibato, tão ao gosto dos medievos.

Segundo Manuel Cavalcanti Proença, Riobaldo pode ser considerado:

Cangaceiro cortês, se não repelem os vocábulos, Riobaldo não comete barbaridades, não consegue cometê-las, apesar da tentação de fazê-lo, com o pobre sertanejo da égua e da cachorrinha, ou com o leproso trepado na árvore [...]. Riobaldo não tolera a deslealdade e os desleais lhe são inimigos de morte, os “judas”. Muito folcloricamente, procura o equilíbrio social e tem rasgos de bandido romântico, favorecendo com esmola grande a mulher que dá à luz no casebre miserável.<sup>5</sup>

Há ainda um elemento que expressa a ligação do romance com a lógica do celibato que o mundo medieval celebrava como sendo o estado mais elevado que alguém poderia atingir na terra: não se pode esquecer que Diadorim propõe a Riobaldo um voto de castidade, pois a vida desregrada esvaziava o jagunço do poder da coragem. As ilações desse pressuposto com episódios relacionados ao medieval são várias como

---

<sup>4</sup> ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 26.

<sup>5</sup> PROENÇA, Manuel Cavalcanti Don Riobaldo do Urucuai, Cavaleiro dos Campos Gerais. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d., p. 312.

se percebe observando a seguinte citação, extraída da **Legenda Áurea**, de Jacopo de Varazze:

Como Ápia, sua filha, desejasse se casar, Hilário, dissuadiu-a e fortaleceu-a no desígnio de salvaguardar a virgindade. No momento em que a viu bem decidida, temendo que mudasse de ideia rogou encarecidamente ao Senhor que não lhe permitisse viver mais, e poucos dias depois ela migrava para o Senhor. Ele a sepultou com suas próprias mãos, e ao ver isso a mãe da beata Ápia pediu ao bispo que obtivesse para ela o que tinha obtido para a filha. Ele assim o fez, e com suas orações enviou-a para o reino do céu.<sup>6</sup>

Quanto ao processo de peregrinação, há que se salientar que todo o romance é uma travessia. Na verdade, a análise poderia ir além, representando o próprio ser humano em travessia, em constante superação de seus próprios limites. As andanças pelos sertões mineiros, a passagem do Liso do Sussuarão a qual representava um obstáculo intransponível, as noites mal dormidas, as chuvas, as madrugadas frias, enfim todos os elementos que acompanham o exército de jagunços que ora vão a cavalo ora vão a pé, destaca as ligações desses caminhantes com os peregrinos medievais. Pessoas deste mundo que caminham em busca de outro mundo. Essa travessia foi realizada por Riobaldo como bem descreve Proença:

A travessia do Liso do Sussuarão, que Medeiro Vaz – Percival ou Lancelote – apesar de todos os preparativos, não conseguiu realizar, Riobaldo – Don Galaaz – realiza, protegido pelo acaso, sem mesmo se haver preocupado com provisões.<sup>7</sup>

E no contexto dessa caminhada, quanto mais difícil fosse o caminho melhor, pois assim o caminhante se purificaria. A deia embutida no processo tem sempre o mesmo objetivo: a aquisição de méritos devido à privação e sofrimento. Os indivíduos no medievo estavam profundamente convencidos de que só uma dolorosa expiação podia obter a remissão dos seus pecados. O grande processo do esforço ascético é sempre dirigido contra a carne e, em particular, contra o corpo, terreno predileto das

<sup>6</sup> VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 163.

<sup>7</sup> PROENÇA, Manuel Cavalcanti Don Riobaldo do Urucuai, Cavaleiro dos Campos Gerais. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d., p. 314. É curioso que Proença considere Riobaldo um “Don Galaaz”. Isso reforça a ideia da castidade e abstinência sexual que envolve a personagem, pois na Távola Redonda, Galaaz era o cavaleiro casto, e por isso o mais apto quanto a Demanda do Graal. Ele, Lancelote e Boors eram comparados a três touros: Galaaz seria o touro branco, impoluto. Lancelote, o negro, coberto pelo seu pecado adúltero. Boors seria o touro branco com uma única mancha negra, sinal de que havia pecado somente uma vez.

manifestações maléficas. Por isso, o corpo deve ser mortificado. E essa mesma ascese, essa mesma penitência, essa mesma absolvição é o que busca o velho Riobaldo.

Retomando o fio condutor que rege o medievo, como decorrência direta dessa religiosidade tão carregada de elementos místicos, está posto o belicismo, ou seja, a interpretação do mundo como sendo um grande choque entre as forças do Bem e as forças do Mal. Com o passar do tempo, o dado material relativo a esse processo transferiu-se para o emocional, ou dito de outra forma: o diabo passou a representar um vassalo de Deus caído em felonía (traição por quebra de contrato de vassalagem). Nesse contexto, fiel será somente o indivíduo que combater o maior de todos os inimigos de Deus de forma constante.

Seguindo esse aporte, ver-se-á nas igrejas românicas, a representação simbólica desse fenômeno, pois essas catedrais representativas da arquitetura medieval ficaram conhecidas por serem verdadeiras fortalezas: da mesma forma que o castelo senhorial tinha função defensiva contra os inimigos humanos, a igreja tinha função defensiva contra a força demoníaca.

Santos e guerreiros faziam parte de uma casta especial, sendo por isso de seu direito ser nomeados como elite dessa sociedade, pois tinham nela a função de protetores. Cada um deles é especialista em um tipo de combate: os guerreiros com suas armaduras, cavalos, lanças e espadas enfrentam os inimigos terrestres invasores da terra de Deus (muçulmanos, judeus, pagãos e hereges).

Os membros do clero com suas batinas, sotainas, sacramentos, preces e exorcismos, enfrentam os inimigos da fé tida como verdadeira, e juntamente com os guerreiros, agem como combatentes das forças do Mal. O inimigo, fosse ele desse mundo ou do outro mundo, era um servidor de Satã sendo, portanto, dever do bom cristão combatê-lo, em uma obra de cunho ao mesmo tempo político e religioso.

Esse binômio maniqueísta está representado no imaginário que constitui Grande Sertão: Veredas, na figura dos grandes chefes dos jagunços – de um lado, representando os santos e guerreiros está Joca Ramiro; de outro, representando o demônio e suas hordas, Hermógenes e Ricardão.

Joca Ramiro aparece aos olhos dos jagunços como se fora uma figura lendária, um Licurgo<sup>8</sup> em meio às terras do sertão mineiro. Seu senso de justiça é tão privilegiado que ele é o responsável por organizar o julgamento de Zé Bebelo, e por sentenciar o mesmo ao desterro. Seu senso de comando é tão prudente que ele concede a palavra a todos os líderes de jagunços que o acompanhavam na disputa contra Zé Bebelo e, ademais, ele concede mesmo direito de voz e voto aos seus soldados, homens que arriscavam a vida por ele e que o tinham em alta conta, colocando-o apenas abaixo de Deus, como se percebe na citação abaixo transcrita:

Sei lá se ele riu? O que disse, que resposta? Sei quando a amargura finca, o que é o cão e a criatura. De tristeza, tristes águas, coração posto na beira. Irmã nem irmão, ele não tinha: – ‘Só tenho Deus, Joca Ramiro... e você, Riobaldo...’ – ele declarou.<sup>9</sup>

Aliás, todo o episódio do julgamento de Zé Bebelo pode ser considerado um grande recorte digno de um romance de cavalaria que foi transposto para o sertão do interior do Brasil. As palavras são grandiloquentes, o que realça a nobreza da ação. O diálogo entre Joca Ramiro e Zé Bebelo denota a fala entre dois homens da nobreza:

- O julgamento é meu, sentença que dou vale em todo este norte. Meu povo me honra. Sou amigo dos meus amigos políticos, mas não sou criado deles, nem cacundeiro. A sentença vale. A decisão. O senhor reconhece?

- Reconheço – Zé Bebelo aprovou com firmeza de voz, ele já descabelado demais. Se fez as três vezes, até: – Reconheço. Reconheço! Reconheço... [...]

- Então honrado vou. Mas, agora, com as licença, a pergunta faço: pelo quanto tempo eu tenho de estipular, sem voltar neste Estado, nem na Bahia? Por uns dois, três anos?

- Até quando eu vivo for, ou não der contra-ordem... – Joca Ramiro aí disse, em final [...]<sup>10</sup>

As figuras de Hermógenes e de Ricardão apresentam duas consonâncias. Ricardão pode ser comparado com o traidor: o vassalo caído em felonía um dos maiores pecados na concepção dos medievos, devido a sua postura, pois ele ficou ao lado de Hermógenes quando atraçoaram e mataram Joca Ramiro. Ou seja, ele não ficou ao lado

<sup>8</sup> Licurgo é uma personagem lendária do mundo Greco-romano, o qual, segundo a história grega teria sido o responsável por conceder a região de Esparta seu código legislativo.

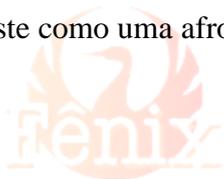
<sup>9</sup> ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 198.

<sup>10</sup> Ibid., p. 296-297.

de seu verdadeiro senhor, mas seguiu outras ordens, as quais foram dadas por um inimigo.

Dito de outra forma, ele compactuou com o demônio. No contexto da cultura medieval, este ato constituiria uma traição, passível de pecado mortal. No romance sua punição foi a perda de seu comando e da guerra contra dos homens de Riobaldo, no momento em que este assume a chefia de seu bando. Sobre o assunto, informa Proença que: “Quando Joca Ramiro é morto à traição, como os heróis de legenda – Hermógenes e Ricardão, os assassinos, se degradam, como aquele Don Galvan, cavaleiro de má andança, réu de covardia e deslealdade”.<sup>11</sup>

No caso de Hermógenes, o arquétipo fica ainda mais completo, pois segundo as lembranças de Riobaldo, ele (Hermógenes) seria um pactário, haveria vendido sua alma ao diabo em troca de proteção. Mesmo sendo longa, a citação que segue demonstra à situação de ambas as personagens, a saber, Ricardão e Hermógenes e como eles eram vistos pelos jagunços que se mantiveram ao lado de Joca Ramiro, considerando a morte deste como uma afronta de marca maior:



Deus não devia de ajudar quem vai por santas vinganças?! Devia. Nós não estávamos forte em frente, com a coragem esporeada? Estávamos. Mas, então? Ah, então: mas tem o Outro – o figura, o morceirão, o tunes, o cramulhão, o dêbo, o carôcho, do pé-de-pato, o mal encarado, aquele – o-que-não existe! Que não existe, que não, que não é, é o que minha alma soletra. E da existência desse me defendo, em pedras pontudas ajoelhado, beijando a barra do manto de minha Nossa Senhora da Abadia! Ah, só Ela que me vale; mas vale por um mar sem fim... Sertão. Se a Santa puser em mim os olhos como é que ele pode me ver?! Digo isto ao senhor, e digo: paz. Mas, naquele tempo, eu não sabia. Como é que podia saber?

E foram esse monstros, o sobredito. Ele vem no maior e no menor, se diz o grão-tinhoso e o cão-imundo. Não é, mas finge ser. E esse trabalha com escrúpulo nenhum, por causa que só tem um curto prazo. Quando protege, vem, protege com sua pessoa. Montado, mole, nas costas do Hermógenes, indicando todo o rumo. Do tamanho de um bago de aí-vim, dentro do ouvido do Hermógenes, para espiar o primeiro das coisas. O Hermógenes, que – por valente e valentão – para demais até ao fim desse mundo e do juízo-final se danara, oco de alma. Contra ele a gente ia. Contra o demo se podia? Quem a quem? Milagres tristes desses também se dão. Como eles conseguiram fugir

<sup>11</sup> PROENÇA, Manuel Cavalcanti Don Riobaldo do Urucuai, Cavaleiro dos Campos Gerais. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d., p. 314.

das unhas da gente, se escaparam – o Ricardão e o Hermógenes – os Judas.<sup>12</sup>

Nessas palavras, Guimarães Rosa presenteia seus leitores com um universo imerso em cores medievais devido a sua maneira de articular as coisas do mundo: o mesmo sentimento de certeza de vitória que embalou os Cruzados em sua luta contra os infiéis, embala o jagunço Riobaldo, pois ele tem certeza de que Deus está ao lado que quem luta guerras justas, conceito esse desenvolvido por Santo Agostinho na obra **A cidade de Deus**.<sup>13</sup>

Na sequência do pensamento, percebe-se o mesmo medo que move o homem medieval, um dos piores medos da humanidade, qual seja ele, não poder vencer o demônio.<sup>14</sup> E por fim, a figura que não poderia deixar de marcar presença: um dos maiores traidores história, Judas. Afinal, se Joca Ramiro está logo abaixo de Deus, então certamente, quem lhe assassinou a traição só pode se assemelhar ao traidor do Filho do Homem.

Quando Riobaldo vai anunciar aos companheiros de outro bando a morte de Joca Ramiro, mais uma vez Rosa coloca na cena, pinceladas de matizes medievais nas palavras do recém-chegado que brada ainda montado em seu corcel:

- Trago notícia de grande morte! – sem desapear eu declarei. Eles todos tiraram os chapéus, para me escutar. Então, eu gritei: – Viva fama do nosso chefe Joca Ramiro...E pela tristeza que estabeleceu minha voz, muitos me entenderam. Ao que quase todos choraram. – Mas agora, temos de vingar a morte do falecido! – eu ainda pronunciei.<sup>15</sup>

Fechando esta pequena análise, figura ainda um elemento oriundo da cultura medieval que marca presença na obra de Guimarães Rosa, a saber, a ideia de contratualismo. A realidade social do feudalismo está intrinsecamente ligada à ideia de contrato, de uma reciprocidade de direitos e obrigações.

---

<sup>12</sup> ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 318.

<sup>13</sup> AGOSTINHO, Santo. **Cidade de Deus**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

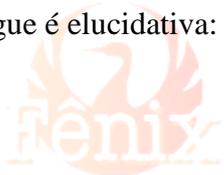
<sup>14</sup> Sobre o assunto ver: DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

<sup>15</sup> ROSA, 2001, op. cit., p. 315.

A partir deste prisma a sociedade medieval se organiza, ou seja, existe uma troca equilibrada de serviços a qual é justificada pela força divina, onde uns rezam (*oratore*), outros guerreiam (*bellatore*) e outros trabalham (*laboratore*).<sup>16</sup> O mundo se coloca dessa forma, seguindo esses preceitos, porque essa é a vontade de Deus.

Esse dado, o qual em um primeiro momento revela uma faceta da história social do medievo, transpunha essa escala, assim como transpunha também a escala do mundo jurídico e das ideologias. Essa ideia de contrato é essencial para se entender a mentalidade medieval, pois ela ultrapassa o nível das relações entre os homens, para atingir o nível das relações entre os homens e Deus.

Nas relações com o sobrenatural havia muito de barganha, de negócio: preces podiam ser trocadas por riqueza, peregrinações garantiam a saúde, jejuns angariavam benesses junto aos céus, missas retiravam almas do purgatório. Esse processo marca um traço típico do período, comum a todos os indivíduos da época, independente de sua posição social ou de seu grau de cultura e instrução. Sobre o assunto, a citação que segue é elucidativa:



‘Dizei-me senhora, quem és tu?’ Santa Fé com uma doce voz respondeu à sua pergunta: ‘Sou Santa Fé, mulher, não duvides’. Logo Arsinde com tom suplicante lhe diz: ‘Ó, minha santa senhora, porque te dignaste então visitar uma pecadora?’ Santa Fé imediatamente deu a conhecer à sua interlocutora o motivo da sua vinda: ‘Dá-me’, disse, ‘os braçais de ouro que possuis; dirigi-te a Conques e deposita-os no altar do Santo Salvador. É este o motivo da minha aparição.’ A estas palavras, a mulher, sensata, não querendo deixar escapar uma tal dádiva sem compensação, acrescentou: ‘Ó, minha santa senhora, se por tua intercessão Deus me conceder um filho, executarei com alegria o que me ordenas’.<sup>17</sup>

Seguindo esse pressuposto, as relações homem-Deus passaram a ser vistas da mesma forma que as relações vassalo-senhor. Deus, o maior senhor feudal de todos, havia concedido ao homem a Terra inteira como feudo. Em troca, o homem, como qualquer outro vassalo, deveria ser fiel a Deus e prestar-Lhe serviço militar, combatendo os inimigos da verdadeira fé.

---

<sup>16</sup> Essa divisão em três ordens, que reúnem os homens do clero, os cavaleiros e os servos foi estudada por Georges Duby, no texto **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

<sup>17</sup> DUBY, Georges. **O ano mil**. Lisboa: Edições 70, 1967, p. 93-94.

Simple gestos religiosos, observáveis ainda no cotidiano contemporâneo, marcam essa nova concepção sobre a relação com o mundo divino. Sobre o assunto, informa Hilário Franco Júnior, na obra **As cruzadas: guerra santa entre oriente e ocidente**, que: “[...] a partir do século X, generalizou-se a atitude de colocar as mãos juntas ao fazer uma prece, reprodução do gesto de um vassalo prestar homenagem a seu senhor feudal”.<sup>18</sup>

Da mesma forma que se contratavam relações feudais para com Deus, era dado aos medievos, graças ao livre-arbítrio, fazer o mesmo com o demônio. E o contrato estabelecido, nesse caso, era o pacto demoníaco.

a literatura universal a figuração do pacto demoníaco atua como uma espécie de fantasma que assola a imaginação do **Fausto**, de Goethe, serve para exemplificar as nuances desse contrato fantástico. A importância do elemento narrativo que configura o pacto é tão grande que Pierre Brunel, no livro **Dicionário de Mitos Literários**, dedica um verbete exclusivo para tratar de Satã e suas influências no mundo medieval no romantismo e na própria psique humana.<sup>19</sup>

Em **Grande Sertão: Veredas**, segundo a narração de Riobaldo, duas figuras são pactárias: Hermógenes, como já foi dito em momento anterior deste artigo; e o próprio Riobaldo, o qual como infere o romance, se tonar pactário na sua ânsia de vencer o primeiro.

Existe uma profunda angústia que marca o pensamento de Riobaldo. Ele sabe (todos os jagunços sabe, como se fora uma legenda criada pelas constantes vitórias de Hermógenes, associada a sua sanha sanguinária) que seu pior inimigo era pactário, como se pode observar na citação abaixo transcrita:

[...] o Hermógenes era positivo pactário. Desde todo o tempo, se tinha sabido daquilo. A terra dele, não se tinha noção qual era; mas redito que possuía gados e fazendas, para lá do Alto Carinhanha, e no Rio Borá, e no Rio das Fêmeas, nos gerais da Bahia. E, veja, por sinais se conhecia em favor dele a arte do Coisa-Má, com tamanha proteção? Ah, pois porque ele não sofria nem se cansava, nunca perdia nem adoecia; e, o que queria, arrumava, tudo; sendo que no fim de

---

<sup>18</sup> FRANCO Jr., Hilário. **As Cruzadas: guerra santa entre oriente e ocidente**. São Paulo: Moderna, 1999, p. 26.

<sup>19</sup> Sobre o assunto ver: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: Pioneira, 1998.

qualquer aperto, sempre sobrevinha para corrigimento alguma revirada, no instinto derradeiro.<sup>20</sup>

E é esse inimigo protegido por forças sobrenaturais que Riobaldo tem de derrotar. Diante desse contexto ele se sente oprimido pelo poder do outro, ameaçado por ele. Na visão do jagunço, o doce Diadorim, o menino que havia cruzado com ele o Rio do Chico, e ele próprio seriam os escolhidos para dar cabo desse inimigo portentoso. Diante do contexto que se descortina perante seus olhos, Riobaldo não se sente capaz de realizar tal tarefa.

Que lhe resta fazer? Seguir pelo mesmo caminho, para poder obter uma força tão sobre-humana quanto à de seu pior inimigo:

Aquilo, eu ainda não tinha sido capaz de executar. Aquilo, para satisfazer a honra de minha opinião, somente que fosse. – ‘Ah, qualquer dia desses, qualquer hora...’ – era como eu me aprazava. O dum dia, duma noite. Duma meia-noite. Só para confirmar constância da minha decisão, pois digo, acertar aquela fraqueza. Ao que, alguma espécie aquilo continha? Na verdade real do Arrenegado, a célebre aparição, eu não cria. Nem. E, agora, com isto, que falei, já está ciente o senhor? Aquilo, o resto... Aquilo – era eu ir à meia-noite, na encruzilhada, esperar o Maligno- fechar o trato, fazer o pacto!<sup>21</sup>

Por mais que se delongue no assunto, Riobaldo acaba fazendo o seu ritual. Ele segue em meio à solidão noturna do sertão e procura um ponto muito específico para realizar o chamado. O local de sua escolha é próximo de uma árvore onde existe um círculo de terra limpa, onde não cresce o capim.<sup>22</sup> E ali o jagunço clama pela presença do senhor dos infernos, não, entretanto, sem pensar em estabelecer algumas normas para o pacto:

Quem é que era o Demo, o Sempre-Sério, o Pai da Mentira? Ele não tinha carnes de comida da terra, não possuía sangue derramável. Viesses, viesses, vinha para me obedecer. Trato? Mas trato de iguais. Primeiro, era eu que dava ordem. E ele vinha para supilar o ázimo do espírito da gente? Como podia? Eu era eu – mais mil vezes – que

<sup>20</sup> ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 425.

<sup>21</sup> ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 426.

<sup>22</sup> A escolha desse local confere com o local onde, se acreditava, as bruxas realizavam o Sabá. Segundo a lenda, essa reunião contava com a presença do próprio Satanás que, dentre as várias formas que poderia assumir para o encontro preferia quase sempre a sua forma mais tradicional, meio homem meio bode, assemelhando-se muito ao Pã grego. Sobre o assunto ver: GINZBURG, Carlo. **História Noturna: decifrando o sabá**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

estava ali, querendo, próprio afrontar relance tão desmarcado. Destes meus olhos esbarrarem num rôr de nada.<sup>23</sup>

Na visão de Riobaldo, se o diabo realmente existia, ele tinha que lhe aparecer. Ele não sabia precisar sob que forma, mas ele sentia a necessidade de ver, de presenciar um evento sobrenatural, algum tipo de manifestação: que o diabo viesse em forma de bode preto, e em meio a um pé de vento, sentado em um trono. Entretanto, o jagunço espera, a noite passa e o anjo caído não toma forma diante de seus olhos. Assim, Riobaldo clama por sua presença. E nada acontece:

Voz minha se estragasse, em mim tudo era cordas e cobras. E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu, a conforme e ciência da noite e o envir de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas; fechou o arrocho ao assunto. Ao que eu recebi de volta u m adejo, um gozo de agarro, daí umas tranquilidades – de pancada. Lembrei dum rio que viesse adentro a casa de meu pai. Vi as asas, arqueei o querer saldar: que isso não é falável. As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!<sup>24</sup>

Esse ponto é culminante no enredo da trama. Imagine-se a cena: alta hora da noite Riobaldo vai procurar o demônio e este não lhe aparece. Daí em diante se dá início a uma verdadeira demanda medieval, uma luta típica do universo do século XII, que colocava de um lado Deus e do outro Satnás, no caso do romance de Rosa representado pelos “judas”. Mas, uma pergunta advém à cabeça dos leitores da obra: por que o diabo não apareceu a Riobaldo? A resposta é simples: porque Deus estava ao seu lado, Deus estava com o guerreiro que possuía a causa nobre, a causa justa.

No entanto:

Mas os cavalos passam a adivinhar que Riobaldo, agora, é homem sobrenatural, conserva o cheiro de quem o diabo farejou: aquele gateado, formoso, de imponência e brio, que se abaixa diante dele, depois de quase bolear com o dono, era do diabo e, por isso, gateado. Empina violentamente, mas Riobaldo lhe diz nome: *Barzabu*. E porque havia adquirido ascendência sobre o diabo, porque deixara de temê-lo, altas horas na encruzilhada, o cavalo se submete, aceita que o

---

<sup>23</sup> ROSA, 2001, op. cit., p. 435.

<sup>24</sup> ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 438.

do dono lhe muda o nome para Siruiz, manso, doce nome do poeta da neblina.<sup>25</sup> [Destaque do autor]

Cabe salientar que esse ponto é crucial no desencadear da história. O dado psicológico que acompanha Riobaldo, a partir do momento em que ele acredita realmente ter feito o pacto com o demônio, marcará o restante de sua trajetória no texto. Depois de se sentir pactário, Riobaldo assume a chefia do bando e leva o grupo à vitória contra os jagunços de Ricardão e Hermógenes.

A chave de todo o processo está neste ponto: Riobaldo enquanto pactário, alguém que crê haver estabelecido uma aliança com as forças do Mal. Ele passa a sentir, a partir daí como se fosse ungido, adejado pelas asas negras de Satanás. E n o transcorrer de sua vida, à medida que o final de seus dias se aproxima, uma dúvida começa a lhe corroer o pensamento: teria ele, por conta disso, que entregar mesmo sua alma? Estariam fechados para ele, os sagrados portões do Céu?

Daí o sentimento de buscar o seu consolo junto ao compadre Quelemén, que de certa forma lhe serve de apoio, mas não suficientemente. Daí a necessidade de contar sua história a um ouvinte que praticamente não aparece e nem figura no texto como personagem, mas ao qual ele se refere diversas vezes como sendo alguém de suma inteligência, alguém que possui a cultura dos doutos, e que Riobaldo julga ser capaz de lhe dizer se de fato ele (sua alma imortal) corria perigo. Esse medo crescente do fim dos dias, espécie de terror do Juízo Final, é marcadamente uma reminiscência do medievo que salta aos olhos dos leitores de Guimarães Rosa.

As contínuas indagações que Riobaldo faz em relação à existência de Satanás, a natureza do Maligno e de seu poder, preparam o terreno para a revelação de um grande mistério, de uma realidade espantosa. Durante todo o texto, Rosa deixa uma trilha de pistas sobre o assunto, e é permitido a quem está acompanhado a narrativa (quicá pelos olhos desse ouvinte que quase não aparece) pressentir a grande revelação final, qual seja ela, a verdade sobre Diadorim.

Aqui cabe uma observação sobre a relação que se estabelece entre Diadorim e Riobaldo, conforme aufere Proença:

---

<sup>25</sup> PROENÇA, Manuel Cavalcanti Don Riobaldo do Urucuai, Cavaleiro dos Campos Gerais. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d., p.316.

Aliás, a paixão do jagunço Riobaldo pelo moço Diadorim, não se parece, no seu primitivismo com o refinamento de romancistas europeus lavrando no lusco-fusco do homossexualismo. Antes nos recorda processo muito ao gosto do povo – de dar aparência de imoralidade a fatos comuns [...].<sup>26</sup>

Durante todo o livro Guimarães Rosa aponta caminhos para que se descubra quem é Diadorim. Entre os traços físicos que montam o quebra-cabeça tantos se vão ordenando na memória dos leitores que até certo ponto atenuam o choque da revelação final. Manuel Cavalcanti Proença afirma sobre isso que:

São mãos que seguram as rédeas ‘tão brancamente’, os braços bem feitos que mostrava ao lavar roupa, a cintura fina, o passo curo, as ‘pestanas compridas, os moços olhos’, ‘a boca melhor bem feita’, ‘o nariz fino, afiladinho’. Numa vereda ele se vira para Riobaldo ‘com um ar quase meninozinho em suas miúdas feições’; e quando ambos conhecem Otacília, Riobaldo se admira de que ela não tenha se encantado por Diadorim ‘sendo tão galante moço, as feições caprichadas’.<sup>27</sup>

A capanga onde Diadorim guarda sua tesoura e sua navalha é delicada e cheia de labores. Com essa tesoura ele corta os cabelos de Riobaldo e empresta ao mesmo a navalha para que se barbeie, enquanto ele próprio, Diadorim, apenas aparar os cabelos diante de um espelhinho que dependura em um galho de árvore.

Ademais há o mistério do corpo. O corpo que Diadorim mantém sempre escondido e que é revelado em vários trechos do livro: caso do banho na madrugada – sozinho na mata escura – fato ao qual Riobaldo atribuiu um princípio supersticioso; sua fuga quando ferido; seus desaparecimentos e principalmente o jaleco que ele nunca tira e que esconde a forma real de seu corpo. Suas formas arredondadas de mulher. Diadorim remete por sua figura a uma donzela guerreira, como fora Joana D’Arc, até porque como remete Proença: “[...] era o guerreiro mais valente, sua coragem ‘nunca piscava’”.<sup>28</sup>

Quando a verdade sobre Diadorim chega ela surpreende o jagunço. Ela permite que toda a preocupação metafísica de um velho ex-jagunço seja entendida: se na solidão

---

<sup>26</sup> PROENÇA, Manuel Cavalcanti Don Riobaldo do Urucuai, Cavaleiro dos Campos Gerais. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d., p. 318.

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> Ibid., p. 319.

de sua velhice, ele refez todas as suposições teológicas a respeito da existência ou não do diabo, se ele recriou tratados de teologia em sua mente, chegando através deles a pensar que de fato o demônio não passava de uma concretização dos medos que são inerentes ao ser humano, ele o fez para tratar de um assunto pessoal.

Riobaldo se utiliza de um mito atávico, que é o pacto demoníaco, para reviver nele todo um passado, toda uma experiência de vida. Ao final do texto de Rosa, se pode bem entender a velha expressão do ditado que diz: *no creo en brujas, pero que las hay, las hay*. Esse medo pitoresco, essa sensação tênue de pânico (tão companheira da alma humana que se deleita com um conto gótico ou com um filme de terror) expressa a maneira de agir que é corolário do homem desde os tempos primeiros da Idade Média, aqueles nos quais os indivíduos se identificavam não como membros de uma nação, mas como seguidores de uma fé, à qual, se fossem fiéis, lhes garantiria o acesso seguro ao reino de Deus.

E é por conta de elementos como esse que as práticas inerentes a determinados quotidianos se perpetuam na história, servindo de inspiração para que o texto literário transmute em romance e poesia aquilo que faz parte do dia a dia dos seres humanos de certo período. Esses elementos têm como característica principal sua marca além-fronteiras: alteridade no tempo e no espaço que faz com que no texto de Guimarães Rosa se perceba o universo do mundo medieval.

**ARTIGO RECEBIDO EM ABRIL DE 2012.**

**PUBLICADO EM JUNHO DE 2014.**